

PIRES, Flávia Ferreira. 2011.
Quem tem medo de mal-assombro?
Religião e infância no semiárido nordestino.
João Pessoa: E-papers-UFPB, 278p.

Roberta Bivar C. Campos¹

Trata-se da tese de doutoramento com base em pesquisa etnográfica no semiárido paraibano, mais precisamente no município de Catingueira-PB, realizada no Museu Nacional sob a orientação de Otávio Velho, com a colaboração de Cristina Toren (St. Andrews) como co-orientadora, quando esta ainda era da Universidade de Brunel (Inglaterra). *Quem tem medo de mal-assombro?*, publicado pela E-papers em parceria com a UFPB, vem muito bem apresentado pelas mãos dos principais mentores brasileiros da autora: Otávio Velho (Professor Emérito do Museu Nacional) e Léa Perez (UFMG): um faz o prefácio, a outra a orelha do livro. Difícil não só mencionar os referidos textos como não concordar com estes pesquisadores renomados sobre a importância e qualidade do texto de Flávia Pires. Certamente estamos diante de material original e até pioneiro dentro do campo de pesquisa antropológico nacional.

Ao contrário do que o título pode indicar a alguns, este livro não tem por limite a análise do universo religioso infantil, afinal a pergunta central é: “Como um catingueirense se torna catingueirense?” Trata-se de uma reflexão que tem por pressuposto teórico a ideia de uma socialidade estendida que afirma as continuidades entre sistemas simbólicos e culturais, entre natureza e cultura, pessoas e objetos, seres naturais e sobrenaturais, criança e adulto, permitindo a inteligibilidade comunicacional de antinomias, oposições que não se resolvem sem ambiguidades. É assim que Pires sugere, em termos metodológicos, que mais que diferenças e oposições, abordemos o cristianismo como um contínuo, evidenciando as aproximações contingentes para além das denominações religiosas

¹ Professora do PPGA e do Departamento de Antropologia e Museologia (DAM)/UFPE.

específicas. A forte influência de Bateson, Ingold e Latour, e de seu orientador Otávio Velho está no *background* interpretativo e analítico de Pires. Desde já, fica claro que o olhar da criança não é visto à parte do mundo em que reside, qual seja: mundo social, cultural e histórico de que fazem parte os adultos. Através de uma diversidade de técnicas de pesquisa, a criança é abordada em suas relações com outras crianças, com os adultos (parentes e não parentes), levando-se em conta a idade e o gênero em assuntos sobre religião, morte, trabalho e família.

“Como um catingueirense se torna um catingueirense?” Para responder, Pires segue uma pista dada pelas próprias crianças, em especial através de seus desenhos e da observação participante. Percebe em seus dados que o processo de tornar-se adulto vem acompanhado da cristianização das crianças, e até mais especificamente da cristianização dos mal-assombros, que de uma ampla gama de seres naturais e sobrenaturais são reduzidos às almas dos mortos. Assim, crescer em Catingueira implicaria conversão religiosa, tornar religioso o que não era. Trata-se do que Pires chama de “desbastamento da religiosidade”, que não se confunde com secularização, mas, como dito anteriormente, é fenômeno relativo à cristianização. Tornar-se adulto significa passar de uma religiosidade intensa e prática, de quando o significado é ainda de pouca relevância, para a experiência religiosa que opera com sagrado e profano, com entidades abstratas, enfim uma religiosidade prática, mas que é também bastante simbolizada. Mas essa passagem não significa total ruptura com o mundo religioso infantil, afinal para Flávia Pires “Nunca fomos adultos”.

As conclusões de Pires são de repercussão para além do campo religioso-infantil e podem-nos oferecer alternativa metodológica para compreendermos a experiência religiosa adulta numa perspectiva mais generosa do ponto vista antropológico, onde as categorias nativas entram em verdadeiro diálogo com as do antropólogo. Aqui a religião e sua experiência não são processos acabados e sem contradições, em sua realidade ontológica abre-se e incorpora antinomias, pois como Pires chama atenção, através de Velho (2007) e Evdokinov (1959), a verdade é sempre antinômica. O livro oferece toda essa discussão em cinco capítulos minuciosos, sem contar com a introdução e as conclusões que acompanham cada final de capítulo. Através de uma linguagem desprentensiva e sem excessos de teorização, o texto oferece rica etnografia do

modo de vida dos habitantes de Catingueira, do mundo em que (com)vivem crianças, adultos e mal-assombros. Destacam-se ainda a riqueza metodológica, as diversidades de técnicas, a ‘sinceridade metodológica’ dos limites e das falhas, do que deu certo e do que não deu no trabalho de campo. Uma leitura prazerosa e com a qual se aprende muito.